

Franklim Marques<sup>1</sup>

EDITORIAL | EDITORIAL

Tal como reconhece a OCDE, as situações de crise, tais como a epidemia actual associada ao coronavírus podem criar oportunidades para a mudança de papéis tradicionais de diferentes prestadores de cuidados de saúde e, em alguns casos, como o dos farmacêuticos, expandir as funções.

A COVID-19 tem tido uma ação devastadora para a saúde pública conduzindo a um elevado número de mortes e a efeitos nefastos sobre o estado de saúde e qualidade de vida dos indivíduos. Mas simultaneamente veio alertar-nos para o facto de podermos fazer mais e melhor, em casos idênticos, se procedermos atempadamente à preparação do sistema de saúde para eventuais desafios de saúde futuros.

A necessidade de maximizar a eficiência dos recursos disponíveis conduziu a inovações nas funções e responsabilidades de diferentes profissionais de saúde. Por exemplo, o papel dos farmacêuticos comunitários, foi ampliado em muitos países, pelo menos temporariamente para atender às necessidades urgentes e reduzir a necessidade de consultas médicas para pacientes não COVID-19. No nosso país, os farmacêuticos comunitários foram autorizados a renovar e dispensar a prescrição a doentes crónicos. O que faz todo o sentido, uma vez que os farmacêuticos conhecem os seus doentes e respetivas famílias muito bem ao longo das várias gerações e estão familiarizados com as suas carências e com o seu contexto pessoal, económico e social. Neste sentido proporcionam ao doente um atendimento mais personalizado e direcionado para as efetivas necessidades do mesmo. Assim, os farmacêuticos assumem um papel determinante sobretudo junto dos grupos mais vulneráveis na sociedade.

Durante esta crise, a rede de farmácias perto de casa das pessoas desempenhou um papel vital no acompanhamento das comunidades locais assegurando o acesso contínuo dos doentes a tratamentos e cuidados. Os farmacêuticos estiveram acessíveis 24 horas por dia, 7 dias por semana, mesmo durante os bloqueios. Em muitas regiões, nomeadamente, nas zonas rurais ou de baixa densidade populacional, as farmácias comunitárias consubstanciaram-se no único serviço de saúde disponível para as comunidades locais.

As Farmácias constituíram a primeira linha de aconselhamento, tratamento e encaminhamento de pessoas com doenças comuns evitando, muitas vezes, idas desnecessárias às urgências. A farmácia comunitária deu um contributo valioso para os doentes e sistema de saúde demonstrando, assim, o que se tem dito há décadas e que tem vindo a ser posto em prática noutros países europeus: a multidisciplinariedade da atividade farmacêutica possibilita o alargamento das suas funções. Expandir o escopo (legal) da prática de farmácia comunitária irá contribuir para maximizar a sua ação junto dos doentes e sistemas de saúde assegurando a continuidade de cuidados e tratamentos, aumentando a cobertura vacinal e apresentando-se como uma primeira linha de aconselhamento, consulta, triagem, tratamento e encaminhamento dos doentes.

A elevada qualidade e preparação científica dos farmacêuticos tornam-nos ativos valiosos como profissionais de saúde. Estes asseguram a qualidade da prestação de cuidados de saúde, pelo que é fundamental que se reconheça o seu valor ao nível da melhoria da qualidade de vida das pessoas e da sustentabilidade do sistema de saúde.

---

<sup>1</sup> Diretor da revista Acta Farmacêutica Portuguesa